

É com grande satisfação que a Revista Ítaca traz a lume o Dossiê Derrida, em dois volumes. O objetivo maior desta edição – e dos trabalhos aqui apresentados ao público – é discutir as perspectivas da desconstrução e sua (in)atualidade, nos mais diversos campos, mobilizando suas heranças e dobras, considerando que ela é sempre “mais de uma”, como costumava dizer Derrida, e que, portanto, não se desdobra a partir de uma ideia de unidade e mesmidade. O idioma da desconstrução distribui-se aqui, reunindo tão diversas vozes, em uma polifonia heterogênea no que diz respeito à recepção do pensamento derridiano e nosso interesse é, justamente, o de celebrar esse contágio, sua disseminação por tantos territórios e tantas paragens, que, nesse primeiro volume, passam pela descolonização, pela memória e pelo arquivo, pela animalidade, pelas implicações filosóficas da desconstrução, pela política, pela ética, pelas novas tecnologias, entre outros.

Essa publicação também tem como objetivo memorar os vinte anos da morte de Derrida, reunindo não apenas autores versados e renomados nos labirintos do pensamento derridiano, mas também jovens pesquisadores que desbravam outras orientações para a desconstrução, em seus cruzamentos e intersecções com outros domínios, como aqueles do direito e das mídias – pensando múltiplos devires e porvires da desconstrução, sua *destinerrância* e sua *survie* (depois de tantas mortes decretadas por seus opositores) fazendo emergir através de rastros e pegadas, de trilhas e cabos, de fronteiras e margens, de sobras e restos, essa espectralidade que Derrida soube também captar nas diferenças, alteridades e nos acontecimentos.

Em *A desconstrução da colonialidade*, que abre esse número, Marcelo José Derzi Moraes nos mostra a via da desconstrução para pensar o debate atual sobre a descolonialidade – atravessando questões como a da identidade, da raça e do gênero, mobilizando, nessa via, operadores da desconstrução que atuam na desmontagem da metafísica ocidental etnocêntrica. Seguindo na via da descolonização, Jacques Kwangala Mboma, em *Arquivo e mal de arquivo: um leitura histórica de Jacques Derrida*, correlaciona a noção de arquivo em Derrida àquela de violência colonial (e racial), mostrando, por meio de uma aproximação com Freud, como o arquivo é habitado por uma pulsão de morte, da qual o Estado muitas vezes se serve para perpetuar violências injustificáveis, de onde a ideia de mal de arquivo.

Já em *Seguir no rastro de Derrida – o “animal” como intraduzível*, Rafael Haddock-Lobo aborda poeticamente as dificuldades sublinhadas por Derrida quanto à tradutibilidade da

palavra “animal”, encaminhando-nos para a operação *animot*, nas vias abertas pelo pensamento do filósofo franco-magrebino e pelo que o autor nomeia uma filosofia popular brasileira (FPB). Ainda sobre a questão animal, Mónica Cragolini propõe o artigo *O animal como subjétil da cultura*, em que, percorrendo as narrativas sobre lobos, considera que nelas eles aparecem como a irrupção do inesperado, como o não previsível no discurso, a partir do que desenvolve a seguinte questão: por que pensar o animal como subjétil do discurso e da escritura? Considerando essas relações entre o humano e o não-humano a partir de Derrida, Bruno Pfeil, em *E se o robô responder? Androides, humanos e provocações ciborguianas*, oferece uma releitura da franquia *Alien*, trazendo o cinema para o centro do debate, e promovendo uma crítica ao humanismo a partir do pensamento decolonial, através de uma reflexão sobre os ciborgues.

Já Charles Ramond, em *Unconditional hospitality and rape by reality as models for philosophy*, após percorrer as antinomias da hospitalidade em Derrida, sugere pensar a hospitalidade incondicional através do realismo, que a reataria a uma certa história da filosofia, por meio da ideia de que seria impossível escapar completamente da passividade em relação a uma violência (que ele nomeia também um estupro) do real sobre nós, reencontrando aí a própria mola propulsora do filosofar. Também “*Incondicionalidade ou soberania, o sonho da desconstrução*”, de André Moraes Mendes, aborda o idioma da desconstrução através da incondicionalidade (e do impossível), contrastando-a, enquanto *força fraca*, ao poder que condiciona a noção de soberania, pensando a desconstrução deste conceito marcante para a ocidentalidade filosófico-cultural. Giovane Rodrigues Jardim em *A desconstrução do perdão em Derrida: sobre o perdão em âmbito público*, trata do problema do incondicional em Derrida a partir do perdão, discutindo o caráter privado do perdão condicional e o viés punitivo da falta ou do crime que seria tarefa do Estado, bem como a viabilidade do perdão incondicional como operador do direito nas relações socio-políticas, trazendo análises concretas como a da Comissão de Reconciliação Nacional da África do Sul.

Em *Polemos et dissimulation de la violence*, Carmen Ruiz Bustamante lança luz sobre uma alternativa à dupla consideração: 1) de uma violência constitutiva da linguagem e a impossibilidade de sair, por meio dela, da economia androcêntrica de violência e 2) a crítica de Derrida a uma neutralidade da linguagem, defendida por Heidegger, que dissimularia a diferença sexual. De onde extrai a ideia de que a linguagem e o pacifismo não são o fim da violência, mas uma guerra contra a guerra.

Contemplando a relação entre a desconstrução e a lei, Paula Vargens, em *A promessa de segurança e o espectro da monstruosidade*, nos traz uma reflexão sobre a centralidade dos discursos de segurança e a construção de certas alteridades (pessoas racializadas, pobres,

subalternizadas, etc.) a partir da ideia de monstruosidade, com o objetivo de justificar o uso injustificável da violência do Estado. Assim, ela analisa o devir-monstro do espectro da monstruosidade, apoiando-se em importantes teóricos que refletiram sobre o tema. Ainda nessa via de pensar as diferenças aos modelos hegemônicos em prol de uma outra ideia de democracia (de uma democracia por vir), Maria Terese Pacilé, no artigo *L'Étranger: ennemi ou invité? Jacques Derrida, lecteur de Carl Schmitt*, discutirá a questão do estrangeiro entre Derrida e Schmitt, retomando a ideia de uma lei incondicional da hospitalidade e de uma amizade cosmopolita no primeiro, e como pensá-las face ao dilema da abertura ou do fechamento de fronteiras. Em torno dessa discussão sobre a democracia em Derrida, Ariel Lugo, em *Democracia por venir: lecturas y por venir. Rancière, Rorty y Laclau*, desenvolve a perspectiva desses três importantes teóricos a respeito da ideia de democracia por vir em Derrida, apresentando sua recepção por eles e possíveis impasses que eles nela relevam, bem como ensaiando respostas para fazer avançar o debate, através de um retorno a Derrida.

Por sua vez, em *A herança en(cena) nos espectros de Derrida*, Nathan Braga Fontoura se propõe a uma articulação entre as várias heranças através das quais a desconstrução desenvolve seu idioma, e o quase-conceito de espectro. Tanto a herança como os espectros partilhariam a ideia de uma “retenção temporária” do passado e do futuro em um “presente”, sendo o convívio com ambos inseparável de um certo saber viver. Danilo Marcos Azevedo Vilaça, em *Écriture, suportes e imagens. A importância da materialidade técnica para a consideração do imagético na desconstrução derridiana*, ressalta a importância da noção de escritura na modificação dos pressupostos que regiam a ideia de comunicação do sentido e formação de conhecimento pela linguagem, enfatizando a materialidade dos significantes e, particularmente, dos suportes técnicos materiais para pensar a produção das imagens nos dias atuais.

Trazemos nessa edição a tradução de parte do capítulo “The Twentieth Century” (Século XX), extraído da obra *Skeptical Philosophy for Everyone* (Filosofia Cética para Todos), de Richard Popkin e Avrum Stroll, que trata da vida e da filosofia de Jacques Derrida. A tradução foi realizada pelos membros do Grupo de Tradução Encruzilhadas Filosóficas: Brendow Pereira, Bruno Pfeil, Cello Pfeil, Pâmela Costa e Quésia Olanda e revisada pelo professor Dr. Rafael Haddock-Lobo.

Por fim, finalizamos com a tradução de *Dar o futuro*, de Drucilla Cornell, feita por Maria Walkíria de Faro Coelho Guedes Cabral e revisada por Guilherme Lanari Bo Cadaval. Nesse texto, Cornell aborda múltiplas referências de Derrida, particularmente no campo ético-político, bem como acontecimentos – como o 11 de setembro e a luta pelo fim do

apartheid, que convocaram Derrida a uma filosofia prática, e que resultaram, por exemplo, em diálogos que orientaram a criação do grupo *Take back the future*, no qual Cornell se engarajara.

Feita essa breve apresentação, agradecemos a todas e todos os autores e autoras que participaram desse volume e desejamos uma ótima leitura!